

## **Discurso midiático como experiências do sentido. Por uma tipologia das interações discursivas<sup>1</sup>**

**Ana Claudia de Oliveira<sup>2</sup>**

**Resumo:** Esse artigo é uma reflexão sobre os processamentos da enunciação na produção mediática. Desenvolvemos exame das interações entre o enunciador e o enunciatário, que chamamos de interações discursivas, caracterizadas pelos arranjos estéticos da expressão que nos permitiram observar os distintos regimes de presença nos enunciados de ser e de fazer ser que mostram os discursos como lugar de experiências vividas, experiências significantes tanto do sujeito da enunciação estruturando as subjetividades, quanto dos modos de construção cognitiva por um ponto de vista, assumido pelo sujeito complexo. A abordagem metodológica correlaciona as opções da plástica expressão às do plano do conteúdo, para a análise dos modos como a mídia assume o conhecimento e os põe em circulação os significando pela atividade de enunciação. Correlacionamos a narratividade do enunciado com os regimes de interações discursivas propondo uma tipologia.

**Palavras-Chave:** *Enunciação.1 Interação discursiva .2 Identidades .3 Tipologia de sujeitos 4.*

---

### **I. Proposição do problema e definição da abordagem**

Quais são as opções que a mídia assume em seus discursos a fim de pôr o conhecimento em circulação? Uma vez determinados esses modos de um sujeito fazer saber um outro algo referencializado no universo da produção de sentido em que são constituídos, poder-se-ia definir por seus mecanismos de instalação discursiva, os da enunciação em específicos enunciados mediáticos, as bases interacionais sobre as quais circulam o saber que os faz interagir?

As descrições e análises da produção mediática de filmes, videos, programas televisuais, games, sites, hipermídias, publicidades, jornais, revistas, fotografias com os seus sujeitos e objetos de valor, em um rol de tematizações com figuratividades singularizantes que movem os percursos narrativos e os de narratividade mostram que essas produções diversas gravitam entorno de “como” um “quem” /faz saber/ alguém “o que” lhe é destinado como “público alvo”. A modalidade do /saber/ a informação, o conhecimento, a mídia a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação“, do XIX Encontro da COMPOS/ PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

<sup>2</sup> Ana Claudia de Oliveira é professora Titular da PUCSP atuante no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, do qual é vicecoordenadora na gestão 2009-2011 e coordenadora do Centro de Pesquisas Sociossemióticas – CPS e do URBcom – Grupo de estudo cidade e comunicação. E-mail: anaclaudiamei@hotmail.com

incorpora como sendo a sua missão não só a de transmiti-los, mas também a de dar um posicionamento para a formação de um ponto de vista. O destinador instalado enquanto enunciador tem a missão de levar o leitor, a audiência, o internauta, enfim, o destinatário instalado, o enunciatário, a assumir uma posição, distância e ação com uma postura, gestualidade, movimentação em relação aos fatos, aos acontecimentos quer do grande mundo, quer das vidas privadas, pouco importa. Em todo enunciar o enunciador (Edor) e o enunciatário (Etário) estão sempre em presença um do outro na situação interativa em que constróem os processos comunicação e de subjetivação do discurso. O propósito que unifica a diversidade de meios acionados nesses processamentos é que a enunciação, ao se construir, constrói o enunciado em que dada perspectiva, assumida pelos dois sujeitos, articula um conjunto coeso de valores, conhecimento que é postado nos discursos, transformando-os em porta voz social. Tal condicionante discursiva impele os sujeitos partícipes a se manter continuamente atuantes a fim de dar cabo de seu papel temático de formador de opinião ou tão somente ativar as interações sociais que os qualificam.

No discurso enunciado, a sua manifestação é realizada por encadeamentos de enunciados de estado (do ser) e enunciados de transformação (do fazer) em que o coeficiente enunciado é passível de mensuração, inclusive com índices de ocorrência de sua previsibilidade, imprevisibilidade, certificabilidade ou incertificabilidade.

Aprendemos com Greimas que as modalidades epistêmicas da modalidade do /saber/ são sobredeterminadas pela modalidade do /poder/ o que implica que o /poder fazer/ do sujeito que enuncia para se realizar está condicionado ao estado do sujeito a quem o enunciado é enunciado<sup>3</sup>. Sobre as condições dos modos do sujeito da enunciação estar no mundo do discurso que determinam os regimes de presença discursiva do sujeito complexo na produção do sentido, esses modos são igualmente determinados pelas competências cognitivas que modalizam ou modulam os atos de apreensão e de interpretação do que é enunciado.

Um encontro entre dois sujeitos cognitivos com suas qualificações existenciais e performáticos de seus modos de presença discursiva, propomos estudar a epistemologia do saber em circulação na mídia pelo conjunto das manifestações do sujeito complexo da enunciação que têm ocorrências várias em função do enunciado de fazer se concretizar sobre o do ser.

---

<sup>3</sup> GREIMAS, A. J. (1973), *Du sens*, Paris, Seuil.

## 2. Objeto de estudo

Com essa problemática nosso propósito é definir a modalidade do /saber/ por sua operatividade sintática em função de suas propriedades de “junção” e de “união” que são na teoria semiótica os dois regimes sintáticos de interação entre sujeito e sujeito, sujeito e objeto no nível narrativo que repercutem sobre a narratividade cuja seqüência de estado e transformação é aqui estudada por meio de sua correlação com as operações de *debreagem* e *embreagem*<sup>4</sup> que são as que estruturam o percurso do Edor e do Etário na construção das marcas de seu ponto de vista.

Assumindo que esses regimes de interação fundam os regimes de sentido, asserção que pode ser tomada como uma das grandes premissas de Algirdas Julien Greimas<sup>5</sup> que Eric Landowski completou em forma de um modelo sintático-semântico de edificação de uma teoria semiótica como teoria da interação social<sup>6</sup>, neste artigo, o objetivo é validar essa premissa para a constituição discursiva do saber nos objetos construídos pelos mecanismos da enunciação no campo da comunicação mediática.

Em sua vasta produção cultural a mídia atualiza modos como se dão as interações entre os homens no mundo ocidental que nos ocupamos. No bojo dessa rede de interações, podemos explorar as constantes dos modos de circulação do conhecimento entre os homens, os agrupamentos sociais, entre culturas, que nos permitem apreender como o saber funciona enquanto operador modal dos sujeitos quer dos destinadores, quer dos destinatários que pode nos encaminhar à construção de uma tipologia de sua constituição enquanto enunciador e enunciatário, extrapolável tanto ao destinador e destinatário no contexto das mídias, quanto aos mediadores desses no enunciado nas figuras de: narrador e narratário, locutor e locutário e interlocutor e interlocutário<sup>7</sup>. Estamos no cerne dos mecanismos de enunciação que

---

<sup>4</sup> Dois processos largamente estudados nas mais distintas abordagens da enunciação, esses atos são tomados por nós na acepção de GREIMAS, A.J. e COURTÈS, J. (1983), *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, que define “*Debreagem*” como “a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base” (p. 95); “é a expulsão, da instância de enunciação, do enunciado” (p.140) e “*Embreagem*” como “o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo” (...) “Toda *embreagem* pressupõe, portanto, uma operação de *debreagem* que lhe é logicamente anterior.” (p.140).

<sup>5</sup> GREIMAS, A. J. (1973), *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix,

<sup>6</sup> LANDOWSKI, E. (2004), *Passions sans non*, Paris, P.U.F.

<sup>7</sup> Estudos sobre esses delegados da interação entre Enunciador e Enunciatário e Destinador e Destinatário podem ser consultados em pesquisas defendidas na PUCSP : PPGCOS como as de: FECHINE, Y. (2008), *Televisão e presença*. São Paulo, Estação das Letras e das Cores-CPS editora; OLIVEIRA, Ch. M. da B. V. (2009), *A construção discursiva da mulher brasileira em Retrato Falado, quadro humorístico do programa de televisão Fantástico da Rede Globo*. Tese de Doutorado; RODRIGUES, C.A.A. (2008), *Os gostos de Superbonita e Contemporâneo do GNT na formação de*

postulamos permitem o estudo de como o saber, o conhecimento, é posto em discurso nos vários produtos mediáticos e salientam os modos de circulação do conhecimento que mantém a sociedade contemporânea.

Na base desta tipologia está a nossa premissa de ser o discurso um vasto palco de experiências, o espaço-tempo de regimes de presença de sujeitos que fazem ser o discurso por seus atos que são vividos na construção do sentido que é sustentada pela construção da interação entretecida por esses dois sujeitos e que atinge além da questão da subjetividade dos discursos.

### **3. Fundamentos em campo**

Os enunciados da mídia podem ser pensados no processamento da estruturação enunciativa que os significa no e pelo ato de instaurar os sujeitos na experiência de produtores do sentido. Assumindo que o sentido não lhes é jamais inteiramente dado, cabendo-lhes sempre um tipo de participação na sua construção, repousaria nas diferenças participativas a sua definição. Explorando esses tipos de participação no ato interacional de fazer ser o sentido, buscamos arrolar na definição dessas interações discursivas<sup>8</sup> os tipos de construção cognitiva que se desenrolam entre enunciador e enunciatário.

Temos tratado em nossos trabalhos sobre a enunciação a sua abordagem não só pelos seus mecanismos de constituição da subjetividade, que se encontram bastante sistematizados na teoria semiótica, mas também pelos mecanismos das condições de espacialidade e temporalidade em que os atores instalados no discurso edificam a situação de interação discursiva e Edor e Etário são postos a viver a própria experiência de produzir a significação que os vai concomitantemente construindo. Uma experiência vivida feito de provas como ocorrem em quaisquer outras experiências de vida em que a enunciação organiza a armação discursiva, os estudos da enunciação nos dirigem aos dos tipos de presença dos sujeitos nos discursos que os caracterizam pelos tipos de desenrolar o fazer sensível de apreensão e o fazer interpretativo.

---

*identidades do feminino e do masculino brasileiro*. Dissertação de Mestrado; M.A. BRACCHI, D.N. (2009), *A fotografia de David LaChapelle*, Dissertação de Mestrado.

<sup>8</sup> Para definição desse termo reenvio a outros trabalhos já realizados: OLIVEIRA, A.C. de (2009 b) “Interações discursivas como regimes de experiência”, in Sessão “Semiótica e Análise do Discurso” do VIII Congresso LUSOCOM, Universidade Lusófona, Lisboa; (2009 c) “As interações discursivas na comunicação: estesia e experiência”. Anais do IV Ibercom. Funchal, Universidade da Madeira, 2009; (2009 d) “A dinâmica das interações discursivas”, in Caderno de discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, n. 15, vol.1, São Paulo, Edições CPS, ISSN 1807-7099.

Sem dúvida, essas definições são de grande importância para a circulação dos valores em uma sociedade mediatizada e informatizada como a nossa. Esse estado vivido do sujeito no discurso torna essa sua alocação no tempo e no espaço, uma experiência de interação discursiva significativa que o faz ser. Por essas razões é que as operações de enunciação no enunciado mediático têm um alcance de dar inteligibilidade aos modos de estar dos sujeitos na sociedade atual.

Assumimos o discurso como a situação de instancialização na qual são instalados os atores por procedimentos de debreagem e embreagem na interação entre um sujeito que enuncia e faz saber outro sujeito das condições de sua apreensão sensível e inteligível do que e de certo modo algo lhe é enunciado. A atividade da enunciação é definida assim em termos de uma prática social protagonizada pelos que estão inseridos no grande espetáculo da colocação em discurso dos valores do saber, do conhecimento que fazem ser a sociedade<sup>9</sup>.

Dessas interações discursivas interessa-nos, sobretudo, os processos estésico-motores desses sujeitos, entendidos como as gestualidades próprias que eles recorrem para o seu fazer ser o sentido em ato de presença de um em relação ao outro nos processos enunciativos. Nesses processos, o sujeito complexo “eu-tu” pode presentificar-se como: i) um “eu” inteiramente separado do “tu” como duas instâncias aprioristicamente definidas em suas posições distanciadas, posturas diferentes, atos e gestos específicos na sua distinção comportamental; ii) um “eu” e um “tu” em igual patamar como instâncias aprioristicamente definidas em suas posições e distâncias que podem ser reversíveis e, nesta troca e mudança postura, eles podem ao intercambiar as posições e distâncias, também atos e gestos atuando ambos como co-enunciadores; iii) um “eu” que mantém relações de implicação com o “tu” em que se dão correlações entre as posições, posturas, atos que processam conjuntamente cada um com a sua identidade sendo definida a partir do direcionamento dado pelo enunciador que resulta em junção dos dois; iv) um “eu” e um “tu” também coordenados, mas que, mantendo certa proximidade optimal, vão atuar em reciprocidade e, em co-presença, sem apagamento de suas identidades na construção em ato que é o que os constrói.

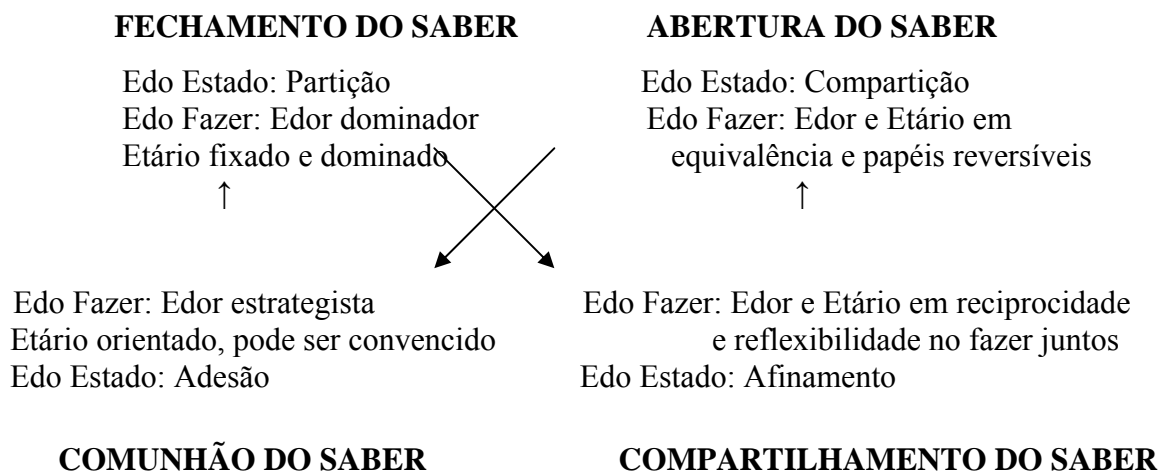
Com base nesses tipos de presença na interação discursiva é que vamos avançar na abordagem dessas práticas discursivas em que o conhecimento é produzido, significando em escala maior ou menor os sujeitos que o processam. Enquanto nos dois primeiros casos as identidades são definidas aprioristicamente, nos dois outros casos, essas são processadas na

---

<sup>9</sup> Reenvio aqui ao trabalho extensivo realizado por FIORN, J. L. (1997), *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática.

construção mesma que efetuam e sofrem variações em razão dos tipos opostos de estruturação interativa. Essas posições organizam um sistema a partir da proposição de regimes de processamento do saber na interação discursiva que podem ser correlacionados aos propostos por Landowski em continuidade à proposição dos tipos de mecanismos da gramática narrativa de Greimas. A diagramação em um quadrado semiótico objetiva dar conta das relações que cada tipo de interação discursiva estabelece com os demais. Modelo de alcance geral, propomos testá-lo na análise dos modos como os sujeitos do discurso interagem entre si nas condições espaciais e temporais em que são instalados e feicionadas as suas condições de ser e estar no discurso.

### IDENTIDADES PRÉ-DETERMINADAS À EÇÃO



### IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NA EÇÃO

Enquanto experiências, essas maneiras de viver o discurso estão articuladas aos modos como elas se configuram enquanto interações discursivas que se distinguem em cada polaridade, ao mesmo tempo em que nos permitem estabelecer as suas intersecções em vários níveis dos quais extraímos os princípios que as distinguem umas das outras, assim como os procedimentos que as encadeiam pois elas podem transitar em suas articulações e criar uma dinâmica de passagens que permite acender aos termos da deixes em oposição. Assim, as setas em posição diagonal assinalam as passagens aos termos opostos da oposição fundamental de base : /fechamento do saber/ vs / abertura do saber/ o que a faz ser vista como

uma travessia a partir da relação de contrariedade. Os termos subcontrários resultantes /comunhão do saber/ vs /compartilhamento do saber/, pela relação de implicação com cada uma das posições da oposição de base, permitem com as flechas retas a passagem transformada ao outro pólo, atestando uma dinâmica processual entre as formas de circulação do saber.

Ainda, pode-se visualizar no quadrado semiótico que as identidades formadas nas instâncias de enunciação por seus procedimentos de embreagem e debreagem formam quatro tipos basilares de modos de presença do sujeito da enunciação na interação discursiva que sedimentam os nossos passos em direção a uma semiótica dos percursos dinâmicos da apreensão do sentido e da experiência de interpretação do conhecimento processados nas interações discursivas das mídias.

Para essa análise recorreremos às dimensões plástica e figurativa com as suas estratégias diferentes mas correlatas que, desde os anos 80, os semioticistas do visual vêm desenvolvendo e que nos oferece uma metodologia sistematizada de análise<sup>10</sup>.

#### **4. Entorno da análise da expressão plástica**

A materialidade do plano da expressão traz nela as marcas dos tipos de experiência travados entre os atores da enunciação. Esse formante matérico se soma aos demais formantes que configuram a plástica, a saber : formantes eidético, cromático e topológico. Os formantes plásticos configuram as figuras constituintes da expressão e sua análise torna acessível os gestos autorais de quem produz o objeto semiótico. O autor deixa as suas marcas gestuais de produção com explicitação maior ou menor de suas escolhas materiais, de procedimentos técnicos-tecnológicos que o enunciador torna apreensíveis ao enunciatário favorecendo o seu ato de apreensão semiótica dos modos de articulação dos formantes plásticos da expressão, a partir dos quais o enunciatário depreende as categorias polares em que a expressão está fundada. Essas figuras da expressão são sentidas e captadas impressivamente e contribuem para o delineamento da gestualidade profunda do criador que pode sim ser analisável com rigor metodológico. Por meio dessa apreensão da materialidade

---

<sup>10</sup> O texto fundador dessa dupla leitura figurativa e plástica pode ser considerado o de GREIMAS, A. J., "Semiótica figurativa e semiótica plástica" (1987) (em português em OLIVEIRA, A.C. de (Org.) (2004), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker-CPS editora, pp. 75-96, elaborado para a apresentação dos resultados de pesquisa do *Atelier* de Semiótica visual que funcionava na E.H.E.S.S. abrigando as atividades do Groupe Sémio-linguistique e o Seminário de Semiótica geral de Greimas. As pesquisas de Jean-Marie Floch e de Felix Thülermann são as basilares das análises semióticas do plano da expressão.

mediática escolhida, dos modos técnicos e tecnológicos de operar dos formantes relacionamente a semiotização da plástica é processada. Pela análise do formante eidético examina-se como os traços, contornos, figuras, planos, superfícies, são articulados aos formantes cromáticos em que cores e tons atuam na construção em que ambos são constituintes do formante topológico que os distribuem em uma dada ordenação espacial ou temporal em dependência do meio. No caso do jornal, a ordenação é predominantemente espacial e na da tv é temporal, mas há combinatórias de espacialização da temporalidade e temporalização da espacialidade. Atesta-se que essas duas dimensões estão sempre presentes na construção plástica da expressão que instala os atores na situação de suas interações discursivas. Essa rede de articulação dos formantes da expressão torna-se coesa e una pelos mecanismos de enunciação que atuam na organização da seleção e articulação das escolhas no todo do arranjo estético da plástica da expressão quer em um arranjo digital, quer analógico que formatam jornal, revista, fotografia, filme, tela, etc.

Pelo estudo da plástica da expressão é que temos então acesso aos modos de apreensão plasmados pelo enunciador ao enunciatário, que são depreendidos no seu recuperar os percursos do fazer e do estado do enunciador que o reenviam à performance processual do destinador, o criador. O seu apreender e plasmar em uma dada organização expressiva um todo de sentido, com os traçados de suas processualidades, que o torna sensível, possibilita ao enunciatário a apreensão da constituição plástica no seu ato interativo de articular o sentido das formações do arranjo que fazem ser o conteúdo.

O plano da expressão define-se assim como o arranjo estético do sentido plasmado pelas escolhas do enunciador que feicionam o enunciado por meio dos recursos de materialização em linguagens, meios de veiculação, procedimentos técnicos-tecnológicos, que põem em comum conhecimentos e valores.

Os regimes de junção e de união entre sujeito e objeto, sujeito e sujeito que o modelo aperfeiçoado da gramática narrativa oferece hoje às nossas análises semióticas dos procedimentos do nível semio-narrativo precisam também ser tratados pela análise do plano da expressão. Como resultado, por exemplo, pode-se estudar como a materialidade da mídia eletrônica, em especial, com as suas tecnologias de mediação, mediatização, situa o sujeito da enunciação em mundos da mídia em que passam a estar alocados assumindo as suas condicionantes para o seu estar em presença, estar linkado, estar conectado, estar em interação em ato no ciberespaço, e tantos mais espaços e tempos das conexões mediáticas



com suas temporalidades e espacialidades como toda e qualquer situação interativa do mundo.

Postulamos então a análise do plano da expressão não só a partir das determinações sêmicas do plano do conteúdo. A descrição e análise da plástica expressiva da enunciação com as materialidades que dão forma a expressão e concretizam os sentidos dos textos e objetos semióticos nos evidenciam que o conteúdo faz-se também a partir da forma. Sobre esse patamar alicerçamos a reflexão em desenvolvimento sobre uma tipologia de sujeitos produtores de sentido a partir do plasmar na expressão de seus modos de interação discursiva.

O enunciado e a enunciação não vão ser pensados assim só como pressupostos um do outro, mas também no e pelo processamento dialético da estruturação enunciativa que significa o enunciado, em outros termos, no desenrolar mesmo da materialidade que corporifica a experiência produtora de sentido em que as instâncias enunciativas situam os seus sujeitos actorial, temporal e espacialmente por meio de um arranjo estético da distribuição de suas formas, cores, matérias. Mais do que mecanismos de constituição da subjetividade, nesse espaço-tempo os sujeitos instalados na construção do objeto em processamento, vivem a própria experiência de produtores de sua significação a partir de seus modos de presença no ato enunciativo. A enunciação define-se assim como o lugar em que são instalados os procedimentos de interação entre um sujeito que enuncia e outro sujeito que apreende o enunciado que lhe é enunciado, o que envolve um tratamento da enunciação enquanto prática social que enunciador e enunciatário protagonizam no seu interatuar na colocação em discurso. Atualmente, também essa vem sendo espetacularizada para mais qualificar a mídia pelos seus modos de fazer ser o sentido.

A visibilidade totalizante dos tipos de presença do “eu-nós” e do(s) “outro(s)” na interação, no em ato, permite aos estudiosos e também ao público saber identificar as formas estabilizadas e as mutantes da construção identitária, as formações unilaterais, bilaterais e multilaterais que configuram a prática interacional produtiva dos discursos.

Vemos que a concepção da enunciação acaba ultrapassando assim a sua definição de ato de conversão das estruturas fundamentais em estruturas superficiais pelo processo da textualização, tomado unicamente com um processo pronto e acabado da semiose em que o plano do conteúdo dado é manifesto pelo plano da expressão. Ao contrário desse entendimento, o ato de produção do plano da expressão na sua duração processual do fazer ser o sentido, constrói também o plano do conteúdo, sendo então ambos os planos

processados na dinâmica da instalação de um corpo enunciante comum que atua nos dois planos da linguagem em seus imbricamentos dialéticos. Assim pode-se assumir a textualização em sua materialidade histórica e mediática do ato de instalação por um sujeito de um ponto de vista que faz ser o sentido na duração mesma desse ser processado no estabelecimento da semiose entre os dois planos produtores do sentido.

Em nossas pesquisas sobre o sincretismo de linguagens nos textos mediáticos mostramos que esses tipos de processamento do conteúdo em substâncias da expressão operam uma série de transformações semânticas na passagem do virtualizado a realizado<sup>11</sup>. Por exemplo, o gesto de filmar com aparatos tecnológicos distintos faz também diferir o sentido do filme pela formatação do conteúdo que cada uma das câmeras pode processar. O que essas câmeras podem e fazem é exposto pelo enunciador ao enunciatário para ser sentido ao assistir o filme como acompanhamos em "A notebook on clothes and cities" (Alemanha, 1964) em que Win Wenders filma o processo criativo de Yohji Yamamoto assinalando, no processo do criativo das roupas vestindo os corpos, os seus próprios gestos de produção filmica, que estão relacionados ao emprego de tecnologias de filmagens distintas que enfrenta o cineasta na era digital. O documentário de Win Winders – *a notebook* - trata as formações identitárias em processamento, sem determinações apriorísticas e que se desenrolam no operar próprio de instancialização discursiva com a sua dinâmica produção sensível do sentido.

O fazer enunciativo vai pois além da mera representação do conteúdo na produção textual e faz a expressão tornar-se conteúdo nos modos de filmar a criação de roupa de Yamamoto, e nos modos desse designer extrair a expressão da roupa da própria expressão do corpo. Para ver melhor esse seu processamento é que ele nos lança do alto de nossa posição frontal encarando um corpo vestido, a olhá-lo por todos os posicionamentos e cortes nas zonas do corpo que nos transladam com ele das alturas ao chão, e pela diferentes distâncias da terceira dimensão. Variando de posições, enquadramentos, distâncias é na dinâmica do corpo vestido que tanto o criador de roupa, como o do filme, são mostrados sendo construídos em ato de criação.

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, A.C. de "Enunciação e estesia na expressão sincrética" in OLIVEIRA, A.C. de e TEIXEIRA, L. (ORGs), *As linguagens na comunicação. Desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo, Estação das Letras e das Cores-CPS editora, 2009, pp. 70-140.

Podemos assegurar que o fazer enunciativo dessa enunciação em ato de fazer ser o sentido permanece analisável com igual rigor semiótico das demais abordagens da enunciação enunciada e é possível pela abordagem da plástica da expressão dar conta das marcas da processualidade durativa da experiência fenomenológica promovida por certas características da interação entre enunciador e enunciatário.

Os modos como as interações discursivas instalam sujeitos nos seus fazeres próprios apontam para essa exigência de explorá-los para além da produção intersubjetividade, centrando-nos nas que lhes confere materialidade, incluindo as técnicas de produção atorial no curso de seu processamento no tempo e no espaço, como práticas interpretativas que se dão em ato e em situação do fazer de apreensão e de interpretação.

## **5. A dinâmica interacional das experiências discursivas**

A reconsideração da análise constitutiva do plano da expressão no plano do conteúdo permite então dar um passo considerável na compreensão do funcionamento estético e de sua apreensão estética em ato de produção que postulamos sendo situado no discurso, ele nos permite dar conta de suas condições históricas na duração e modos de instancialização.

No discursivo, o enunciador e enunciatário, enquanto instâncias produtoras do discurso, são perceptíveis pelas imagens que os mostram em seus atos, com uma postura e uma maneira de ser concretizada pela sua maneira de fazer que montam os modos como ele processa sensível e inteligivelmente os fatos e as coisas do mundo.

No nível semio-narrativo, esse sujeito é apreendido ainda pela série de escolhas de seus delegados, que alargam a visibilidade de sua formação discursiva a partir de outros de seus simulacros, os de seus delegados no enunciado: o narrador-narratário, locutor-locutário, interlocutor-interlocutário, que ele projeta e que vão deixar os seus traços justamente marcando os seus percursos que assinalam e deixam apreensíveis as suas ações enquanto instâncias postas em ação pelo enunciador que se põe assim em exposição, deixando de estar escondido, camuflado. Esse sujeito da enunciação tem então um corpo que se manifesta para além e aquém de suas ações discursivas (e não narrativas), que não são marcadas só pelo verbal no enunciado, mas também por todo conjunto de marcas paralinguísticas atualizadas pelo seu corpo com os seus sentidos espalhados; pelo seu gesticular déitico, avaliativo; pelo seu modo de movimentar-se que é aspectualizado nos seus enquadramentos e tomadas de posição e de distância, para assumir uma postura na interação. O que significa que esses

modos de ações em suas reiterações são repetições que nos permitem chegar à determinação dos estilos próprios de enunciar, caracterizando os estilos distintivos do Edor e do Etário. O fazer cognitivo do saber em circulação nas interações discursivas integra portanto o sensível e o inteligível na situação de interlocução dos sujeitos da comunicação no seu propósito de produção do sentido.

Sendo o sujeito complexo de uma expressão que dá sentido às suas apreensões do mundo e faz com que essas tenham sentido para o outro para quem as enuncia, esse sujeito só se caracteriza pelos modos como se exprime em seu posicionamento espaço-temporal. Essa expressão é a de um corpo encarnado que é sujeito da experiência significativa do sentido que, abordaremos outras de suas caracterizações de suas possibilidades de manifestação.

Esse corpo está situado na interação discursiva em relação ao corpo do outro e ambos interdefinem-se atorialmente justamente pelos qualificadores espaço-temporais de seu fazer e do seu ser em situação. Em relação à espacialidade em situação, a proxêmica sinaliza a posição de cada um no discurso, as distâncias que esses guardam entre si e as posturas assumidas. Quanto à temporalidade, essa é edificada em correlação aos modos e aspectos da ocupação do espaço qualificando o tempo em relação à situação do em ato que é um presente bastante efêmero e ao seu desenrolar em ainda presente, ou futuro, ou já passado.

As condições do fazer de apreensão e de interpretação podem então ser caracterizados pelo assumir, por embreagem e debreagem, as posições, distâncias, posturas e tipo de gestualidades em dada marcação temporal em que os dois sujeitos estão interagindo. Em uma primeira situação, um sujeito (S1) faz as suas escolhas em separado das do outro sujeito (S2) o que faz essas serem tomadas enquanto uma demonstração para S2 de como esse deve, a seu turno no discurso, agir o que assinala que enunciador e enunciatário têm qualificações cognitivas distintas. Enquanto S1 é um sujeito com uma competência cognitiva, sujeito que sabe e pode fazer saber, S2 é caracterizado pelo não saber e, portanto, não poder fazer saber, que o submete a seguir os passos indicados por S1 que o faz saber ao ir refazendo ulteriormente o saber que ele não sabia, e teve acesso ao acatar a hierarquia dos posicionamentos diferentes no discurso. Seguindo os passos que lhe são indicados no percurso cognitivo de S1, S2 atinge a conjunção com o saber que é modalizado como objeto de valor que a sua aquisição vai significar a obtenção de um atributo que o qualifica.

Com essas feições o discurso de jornais como o *Agora*, *Jornal da Tarde* e *O Estado S. Paulo*, por exemplo, mostram que, em função das distinções do público leitor recortado

como alvo de cada hebdomadário o mesmo grupo noticioso, produz um enunciador que vai distinguindo-se, mas ao ser correlacionado chegamos ao conjunto de partes dessa identidade partitiva que é formada por sua reunião. Nas indicações de passos a ser dados pelo seu leitor, os vários jornais do mesmo grupo econômico destinador oferece uma diversidade de pontos de vista para solidificar a tomada de posição de cada um dos seus leitores cada vez mais fundamentando por convencimento os seus argumentos que lhe conformam o seu posicionamento.

Do leitor espectador da versão pronta, que está restrito ao mero recolher dos dados com um fechamento atitudinal na construção do saber, tem-se o leitor coprodutor do saber, aquele que, libertado das amarras do fazer fixo, alarga o campo sensível da sua apreensão e de sua interpretação a ponto de ele mesmo marcar com o seu agir o processamento aberto do conhecimento. O que faz essa diferenciação é juntamente o desenvolvimento dos sujeitos que permite que esses diversifiquem ou estabilizem as suas ações na e pela colocação de suas competências sensíveis e inteligíveis nas interações subjetivas. No processar do desenvolvimento das ações é que os sujeitos em ato são conduzidos ou não a graus de liberação da fixação controlada até a mutabilidade aleatória. Esses desenvolvimentos produzem a apreensão do conhecimento por comunhão ou por compartilhamento que diferem justamente por que na sua feição bilateral os sujeitos tanto podem vir a se fundir em razão da conjunção ou continuarem a se entretecer em co-participação e compartilhamento.

Em oposição ao primeiro Etário, o regulado pelo Edor, tem-se instalado no discurso a situação de dois sujeitos que são dotados igualmente de um saber e de um poder fazer saber. Com iguais competências cognitivas, um e outro estabelecem atos dialógicos e podem inclusive intercambiar seus papéis. A reversibilidade mostra que as condições cognitivas estão coordenadas e, no mesmo patamar, esses sujeitos atuam em relação de paralelismo na edificação do saber que se torna o objeto de valor da interação. Os processos construtivos de obras de autoria coletiva ilustram essa modalidade compartilhada do saber e do fazer saber.

Nos termos subcontrários dessas duas formações enunciativas a regulada, fechada e a aberta, liberada, temos, na deíxe esquerda, dois sujeitos cuja proximidade é construída por S1 que, por conhecer o saber de S2, assume o seu universo de valores para poder fazê-lo querer saber mais. As posições distintas, no entanto, mostram que as diferenças cognitivas não levam somente à hierarquização e submissão. S2 pode ou não aceitar o fazer saber de S1. Só em caso de seu aceite, um consentimento por volição, é que S1 e S2 interagem tendo o

saber como o mesmo objeto de valor pelo qual interagem. Em oposição a essa situação, essas iguais condições de S1 e S2 podem ocasionar por uma proximidade optimal o estar ao mesmo tempo na condição de poder fazer saber o que ambos sentem na interação ao mesmo tempo em que interagem na construção do saber em um compartilhamento de fazer. Não em junção como no terceiro tipo de situação discursiva, neste quarto tipo de situação, a interação é edificada na e pela reciprocidade dos dois sujeitos, o que não os apaga em uma operação de fusão, mas os mantém fazendo junto o saber. Por seus meios e fins, cada um participa do fazer saber mantendo os seus atos particulares. O valor do saber está no fazer interpretativo que só é construído pela interação dos dois em total reciprocidade que torna a construção do saber compartilhada. Em união, os atos desses sujeitos podem ainda chegar até o ponto de cada um, nas condições simétricas promotoras do intercambio de seus papéis atoriais, ser impellido não mais ao fazer saber dual em reciprocidade, mas por um fazer em paralelismo, em flexibilidade eles revertem as posições de Edor e Etário enquanto a sintonia entre eles se mantiver. Há sempre à espreita desse tipo de interação a produção de um ato de ruptura da interação que faz a ação dos sujeitos atingirem um estado dissonante e, de novo, os dois sujeitos deixarem a sua pluralidade para voltar a assumir uma situação de unilateralidade em que um dos sujeitos, o Edor, controla o Etário. Da multiplicidade enunciativa, passa-se à bilateralidade sem reciprocidade reflexiva em um retorno à univocidade do enunciar que nos permite salientar a dinâmica feita de passagens entre as interações discursivas das quatro situações cognitivas em que se posicionam os sujeitos da enunciação.

Na divisão partitiva de sujeito complexo da enunciação, o “eu” que constrói discursivamente o percurso do sentido pelas suas trajetórias de fazer saber o outro, o “tu”, assume nesse jogo de papéis atorializantes posições que são de grande relevo para a circulação do saber. Assim, com ou sem partição individualizante de um “eu” e um “tu” do sujeito complexo da enunciação, nesses tipos diversos de presença, o sujeito complexo mostra-se nas distinções de formação de sua complexidade subjectal em formações que advém da homogeneidade ou heterogeneidade, da univocidade, bilateralidade, ou multilateralidade das variações das marcas de posição e de distância que o sujeito complexo mantém entre si para lhe possibilita o transito, a passagem, entre o pólo do enunciar ao outro, as formas de apreensão e interpretação do que lhe é enunciado no discurso.

Esses tipos precisarão de maior detalhamento, mas podemos arrolar a partir de um conjunto de exemplos de textos e práticas midiáticas estudadas as seguintes características que nos conduzem a tipos de interação entre enunciador e enunciatário.

<b>TIPOS DE INTERAÇÃO DISCURSIVA</b>			
<b>INTERAÇÃO UNILATERAL</b>	<b>INTERAÇÃO BILATERAL com tipos de transitividade</b>		<b>INTERAÇÃO MULTILATERAL com reversibilidade</b>
Edor e Etário separados, com hierarquização de suas condições cognitivas <b>ASSIMETRIA</b>	Edor-Etário têm atos interligados em coordenação de suas condições cognitivas Edor exercendo um direcionamento sobre o Etário <b>SIMETRIA</b>	Edor-Etário em atos de reciprocidade constroem juntos o saber assumindo a ação o que tem melhores condições para a construção <b>SIMETRIA</b>	Edor-Etário tem atos em paralelo Atos vão além da reciprocidade; a reflexividade que produz iguais condições cognitivas para ato de enunciar permite a reversibilidade e os dois co-enunciam o saber <b>PARALELISMO</b>
Edor e Etário- estão em patama-res diferencia-dos e hierarquiza-dos é o Edor que comanda a enunciação cabendo ao Etário o ato de re-processar as marcas deixadas pelo primeiro no discurso, sendo os seus fazeres determinados por esses atos de coerção que calculam o desenrolar da interação regida pelo Edor.	Edor-Ddor e etário-dtário são sujeitos volitivos e atuam dirigidos por uma intencionalidade do Edor pela qual esse trata de conhecer o Etário para montar as suas opções de interação, negociação e convencimento para ele atuar enquanto seu parceiro na interação . O Edor é doador de competências cognitivas e performáticas que resultam na construção do saber por estratégia global que é reavaliada no seu desenrolar.	Edor e Etário são sujeitos volitivos dotados das mesmas competências cognitivas e suas sensibilidades têm o poder de encaminhar à apreensão do sensível que vão processando na interação que os faz juntos ir vislumbrando os caminhos da construção cognitiva pelo que sentem, intuem e não por estratégias prévias.	Edor e Etário são sujeitos volitivos dotados de iguais competências cognitivas que os possibilitam intercambiar posições no comando dos mecanismos enunciativos, que os fazem atuar em reflexividade no ato de enunciar. Co-presen-tes, eles co-enunciam o sentido em interlocuções comandadas por uma estratégia global de enunciação que dá diretrizes ao saber.
<b>Tipo de contrato</b> é o de acatamento das diretrizes do Edor. O saber existe acabado no discurso e o Etário rastreia as pistas deixadas para retracá-lo. Etário atualiza a construção do saber acabado, fechado.	<b>Tipo de contrato</b> é de fíducia do Etário que é convencido a agir pelo chamado do Edor, depreendendo com esse outro os modos de construir o saber do qual ele é partícipe.	<b>Tipo de contrato</b> Não há contrato, mas contato e uma postura de pôr-se junto nas posições de Edor e Etário enquanto presença imediata de sujeito a sujeito que, em co-presença, fazem o ato de enunciar ser vivido como interação discursiva, uma experiência de sentido sentido.	<b>Tipo de contrato</b> É centrado na ação subjetiva dos dois co-enunciadores em sua troca de papéis, que se torna um objeto de valor. Além de uma postura do fazer ser o sentido, é o realizá-lo compartilhadamente na troca de posições de cada um fazendo assumir a enunciação aquele sujeito que está em melhor angulação para assumir o enunciar. Em co-presença ambos enunciam.

A dinâmica dos regimes de interação visualizada em suas posições polares no quadrado semiótico permite a apreensão das direções da movimentação do sujeito da enunciação na experiência cognitiva que assim sistematizamos:

**Separação total do “Eu-Tu”**

**Intransitividade do fazer saber**

fazer interpretativo do Etário é o de seguir pistas do Edor. Os dois vão guardar distância física e ocupar posições em que têm atos diferentes: o Edor enuncia /fazer saber/ e o Etário segue a orientação do edor, única opção de seu estar na

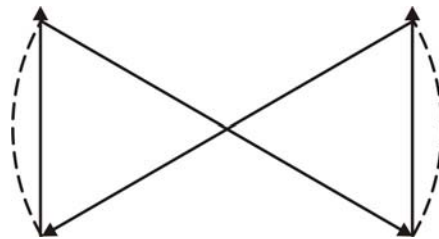
**vs “Eu-Tu” como co-enunciadores**

**Transitividade e reflexividade e reversibilidade**

do fazer interpretativo do Etário funda construção interativa de experiência enunciativa em que opera por troca de posições no ato de dar sentido em co-enunciação regida por uma enunciação global que faz explodir as próprias fixações dos atos do enunciador e do enunciatário, que passam ser reversíveis, intercambiáveis que são na

**Interação unilateral**

**Interação multilateral**



**Interação Bilateral sem troca de posições**

**Interação Bilateral com troca de posições**

**“Eu” em busca do “Tu”**

**em ato implicação na interação**

Transitividade comandada pelo Edor

**“Eu-tu” em co-presença,**

**em ato de reciprocidade na interação**

Transitividade livre entre Edor e Etário

Em construção cooperativa fazer interpretativo movido pela volição; o edor e o etário estabelecem um percurso guardando em separado atos próprios, posição e distância optimal na interação

Em construção “em ato” fazer interpretativo como espaço e tempo em que um e outro unidos, no e pelo ato da apreensão vão sentindo-se ao fazer saber, com atos partilhados, posição e distância próximas

Edor usa estratégias para atuar sobre o modo de operar do Etário com a intencionalidade de persuadi-lo no fazer interpretativo.

Edor modula em co-presença os atos do Etário Ambos vão fazendo ser o saber pelo sentir o fazer interpretativo.

Assim os estados do eu-tu enunciantes são transformáveis. É o próprio da enunciação as mudanças das características das situações de interlocução entre os dois atores. Essas se estamos postulando ser para além e aquém da intersubjetividade, é por que as formas de presença são carregadas de sentidos que os identifica. Com a sua competência semiótica para enunciar, o sujeito enunciante constrói o mundo discursivo enquanto objeto significante de



vários modos. O fazer de apreensão e de interpretação consiste nos modos como o percurso da enunciação é processado em sentido inverso por aquele a quem a enunciação se orienta, exigindo formas de sua participação que são várias. Organizadas que são pelas variações dos modos de presença, esses se ligam aos tipos de interlocução e de comportamento do “eu” com o “outro”. O nível discursivo enquanto ato de enunciação “em situação”, produz sentido, em função das experiências discursivas. Rompe-se assim com a visão dos textos como produto acabado, em termos de enunciado que tem só sentido fechado que é posto acessível ao enunciatário. Com marcada diferenciação nas ações cognitivas dos sujeitos definidas tanto em termos das presenças discursivas, quanto pelos atos, atitudes, movimentação e comportamentos exercidos pelos sujeitos, ressaltamos que a interação discursiva é uma atualização do fazer saber os valores que, plástica e figurativamente, o enunciador escolhe no seu processamento seletivo dos sistemas que ele articula em um uso particular, o do arranjo da situação de experiência discursiva. Ao transformarem-se de virtualidade nos sistemas em realização nos processos, esses atos mostram-se em sua efemeridade, o grande poder que os usos da linguagem atualizam na vida humana que Landowski chamou de “elo existencial”<sup>12</sup> entre sujeitos que caracteriza as formas de sua presença semiótica no mundo e para si. O tipo de situação interativa não só convoca ao discurso os que o enunciam produzindo assim a significação, mas tem em si própria um sentido-sentido que afeta os sujeitos e ela mesma.

A atividade discursiva que faz ser a inteligência sintagmática dos textos, objetos e práticas, é, pois, definida por esses modos de viver em relação de presença, de co-presença sensível do sujeito da enunciação que torna concreta a experiência do sentido. As interações discursivas são assim meios e mediações do sujeito contemporâneo. Os modos como o /saber/ é modalizado e socializado na sociedade mediática levam a refletir sobre como os distintos procedimentos empregados são regidos pelos mesmos pontos de vista específicos da acumulação capitalista que tornam os atos cognitivos da apreensão e da interpretação da maior relevância epistêmica para a compreensão das formações sociais.

---

<sup>12</sup> E. Landowski, *Presenças do Outro*. São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 176.

## Referências

- BRACCHI, D.N. (2009), *A fotografia de David LaChapelle*, PUCSP: COS, Dissertação de Mestrado.
- FECHINE, Y. (2008), *Televisão e presença*. São Paulo, Estação das Letras e das Cores-CPS editora
- FIORN, J. L. (1997), *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática.
- GREIMAS, A. J., *Semântica estrutural*, São Paulo, Cultrix, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Du sens*, Paris, Seuil, 1973.
- \_\_\_\_\_. "Semiótica plástica e semiótica figurativa" (1987) in OLIVEIRA, A.C. de (Org.) (2004), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker-CPS editora.
- GREIMAS, A.J. e COURTÈS, J. (1983), *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix.
- LANDOWSKI, E. (2005), *Les interactions risquées*. Nouveaux Actes Sémiotiques, n° 101-103, Limoges: Pulim.
- \_\_\_\_\_. (2004), *Passions sans non. Essays de socio-semiotique III*. Paris, PUF.
- \_\_\_\_\_. (2002) *Presenças do Outro. Ensaios de Sociosemiótica II*. São Paulo: Perspectiva.
- OLIVEIRA, A.C. de (2009 a), "A plástica sensível da expressão identitária do jornal", in OLIVEIRA, A.C. de e TEIXEIRA, L. (ORGs), *As linguagens na comunicação. Desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo, Estação das Letras e das Cores-CPS editora.
- OLIVEIRA, A.C. de (2009 b) "Interações discursivas como regimes de experiência", in Sessão "Semiótica e Análise do Discurso" do VIII Congresso LUSOCOM, Universidade Lusófona, Lisboa;
- \_\_\_\_\_. (2009 c) "As interações discursivas na comunicação: estesia e experiência". Anais do IV Ibercom. Funchal, Universidade da Madeira.
- \_\_\_\_\_. (2009 d) "A dinâmica das interações discursivas", in *Caderno de discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, n. 15, vol.1, São Paulo, Edições CPS, ISSN 1807-7099.
- OLIVEIRA, Ch. M. da B. V. (2009), *A construção discursiva da mulher brasileira em Retrato Falado, quadro humorístico do programa de televisão Fantástico da Rede Globo*. PUCSP: COS, Tese de Doutorado.
- RODRIGUES, C.A.A. (2008), *Os gostos de Superbonita e Contemporâneo do GNT na formação de identidades do feminino e do masculino brasileiro*. PUCSP: COS, Dissertação de Mestrado.